



26º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO
O ENSINO DA ARTE EM TEMPOS DE CRISE
5º ENCONTRO REGIONAL SUL DA REDE ARTE NA ESCOLA

Oficina de teatro: um espaço de/para/em construção

Rita de Cássia Schell Réus¹

Resumo: Este estudo aborda práticas teatrais aplicadas na oficina de teatro, na Escola SESI Montenegro. Se propõe a pensar *como transformar este em um espaço de criação e reflexão*. Relata a metodologia empregada na oficina para introduzir fundamentos básicos das artes cênicas e conduzir os participantes na construção da montagem de uma leitura encenada. As reflexões propostas têm suporte nas pesquisas de Jean-Pierre Ryngaert, Viola Spolin, Peter Brook.

Palavras chaves: Oficina de teatro; Teatro na escola; Jogo.

Este texto apresenta um estudo sobre as práticas aplicadas na oficina de teatro, na Escola SESI Montenegro². Em um espaço que objetiva proporcionar aos alunos de diferentes turmas a oportunidade de ampliar sua vivência teatral. Com vistas a uma proposta de construção de um lugar em que os participantes possam exercitar sua autonomia por meio da elaboração cênica. Sendo assim, como transformar este em um espaço de criação e reflexão?

Em um panorama mais amplo é possível determinar que este é um lugar de aproximação entre a linguagem teatral, diferentes textos e manifestações artísticas. Partindo do entendimento de que

[...] uma das perspectivas das oficinas consiste em definir, em cada circunstância, formas de “apresentação” que diversificam os rituais de acordo com os objetivos estabelecidos com o grupo. Mais vale exhibir um exercício que se apresenta como tal e tende ao espetáculo, do que uma representação ambiciosa demais que esbarra no ridículo [...] (RYNGAERT, 2009, p.31)

Portanto a oficina mais do que pretender chegar a um produto visa expandir as potencialidades criativas dos estudantes por meio das atividades teatrais.

¹ Rita Réus é professora de teatro, atriz, diretora e mestranda em Processos e Manifestações Culturais/ Feevale.

² Escola SESI de Ensino Médio Montenegro. R. Campos Neto, 455 - Senai, Montenegro - RS. Inaugurada em fevereiro de 2017.



26º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO
O ENSINO DA ARTE EM TEMPOS DE CRISE
5º ENCONTRO REGIONAL SUL DA REDE ARTE NA ESCOLA

Partindo da concepção de que o teatro é uma das expressões artísticas mais acessíveis por contar com uma ferramenta de trabalho disponível a qualquer indivíduo, o corpo. Este sendo um corpo convidado ao estado de jogo, pois ao jogar

Todas as partes do indivíduo funcionam juntas como uma unidade de trabalho, como um pequeno todo orgânico dentro de um todo orgânico maior que é a estrutura do jogo. Dessa experiência integrada, surge o indivíduo total dentro do ambiente total, e aparece o apoio e a confiança que permite ao indivíduo abrir-se e desenvolver qualquer habilidade necessária para a comunicação dentro do jogo. (SPOLIN, 1987, p.6)

O jogar nesse sentido está vinculado às atividades lúdicas, jogos teatrais e dramáticos, técnicas de percepção corporal e espacial, práticas teatrais que introduzem fundamentos básicos das artes cênicas. A metodologia empregada na oficina está organizada para conduzir os participantes de modo fluído, onde as atividades se inter-relacionam servindo de base uma para a outra, da seguinte forma:

- a) Momento 1- Aquecimento: exercícios de respiração, corpo e voz, relação com espaço e o outro;
- b) Momento 2- Expressão corporal: pesquisa do repertório de movimentos com exercícios de expressão corporal e vocal, jogos teatrais e dramáticos, em dupla e em grupo, seleção/ criação de textos e/ou imagens;
- c) Momento 3- composição de cenas;
- d) Momento 4- Compartilhamento: Encerramento do encontro, espaço para que cada participante fale sobre sua percepção de como está sendo o processo e como se percebe dentro dele.

A oficina acontece nas sextas-feiras à tarde das 14h15 às 16h, é aberta para todos os alunos interessados. No ano de 2017 possuía um outro formato com horário reduzido, passando a ter este molde em março de 2018. Nas primeiras semanas a oficina teve uma ótima adesão chegando a ter um total de 23



26º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO
O ENSINO DA ARTE EM TEMPOS DE CRISE
5º ENCONTRO REGIONAL SUL DA REDE ARTE NA ESCOLA

participantes. Contudo, a instituição oferta outras atividades e depois de um momento de experimentação alguns optaram por outras oficinas. Além disso, este é o único turno da semana em que os alunos têm a possibilidade de ter livre, pois a escola é de turno integral.

As atividades propostas foram direcionadas para proporcionar o desenvolvimento da autonomia, partindo da reflexão crítica sobre o processo criativo, a relação com as ideias individuais e coletivas, unindo para elaboração de uma montagem cênica. Buscando priorizar a escuta do grupo, com exercícios que estimulam a concentração, a presença e a percepção do espaço e do outro, pois

A verdadeira escuta exige estar totalmente receptivo ao outro, mesmo quando não se olha para ele. Essa qualidade não se aplica somente ao teatro, mas é essencial ao jogo, uma vez que assegura a veracidade da retomada e do encadeamento. A escuta do parceiro comanda, em larga medida, a escuta da plateia. Estar alerta é uma forma de sustentação do outro, qualquer que seja a estética da representação. (RYNGAERT, 2009, p.56)

Depois de algumas semanas de experimentação surgiu a possibilidade que criássemos algo para mostrar na semana literária. O grupo de trabalho mudava aula a aula, alguns vinham em um dia e no outro não. No entanto, a proposta de elaborar uma leitura encenada suscitou o comprometimento de oito alunas. Elas queriam encenar Shakespeare, mais precisamente, Romeu e Julieta. Então resolvemos iniciar esse processo de montagem a partir da criação de um roteiro. Este foi empregado como ponto de partida, uma referência para que as alunas começassem a criar. Quanto a criação de roteiro Jean-Pierre Ryngaert diz que:

Na tradição de improvisação com roteiro, os jogadores inventam, em linhas gerais, uma narrativa prévia tentam jogar. O roteiro dá segurança para aqueles que se sentem paralisados pela improvisação sem nenhum ponto de referência e faz parte das propostas mínimas de ponto de partida da improvisação. (*op. cit*, 2009, p.115)

Apesar de contarmos com uma história amplamente conhecida, para que o grupo tivesse apropriação dela e a torna-se a sua versão da história foram necessários encontros extras além dos já previstos na oficina. Aos poucos por meio



26º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO
O ENSINO DA ARTE EM TEMPOS DE CRISE
5º ENCONTRO REGIONAL SUL DA REDE ARTE NA ESCOLA

dos exercícios e do compartilhamento de ideias escolhemos as cenas que acreditávamos serem fundantes da narrativa. Nossa versão de Romeu e Julieta, conta com oito adolescentes que ora são narradoras, ora são personagens. Seus personagens não são fixos, elas são tanto o ‘nobre Romeu’ quanto ‘a bela Julieta’. Utilizam poucos acessórios: bastões, uma capa, máscaras e coroas de flores. Para ambientar as cenas criamos uma trilha selecionada, na operação de som o único menino participante. Na semana literária realizamos duas apresentações na escola. A recepção dos demais alunos foi muito positiva e até emocionada. Ainda realizamos apresentações para os pais no mês de maio e para um grupo de alunos da Escola Municipal José Pedro Steigleder³, em junho.

Entretanto, a criação desta montagem é apenas um recorte do trabalho desenvolvido na oficina é sim uma obra resultante de um processo que vale por si mesmo, de um estudo que passa pelos corpos e mentes dos participantes que corrompe estruturas das narrativas habituais e cria novos espaços de interação e possibilidades de ver uma história que pode ter sido contada por Shakespeare há alguns séculos, mas que pode também dizer da nossa vontade de criação, do nosso desejo de expressão. A oficina não pretende formar atores, almeja construir espaço de trocas e reflexões e permitir que o teatro possa ser simplesmente o que é: arte. Que dispense a necessidade de explicá-lo, que seja possível vivenciar suas práticas e dar vida e pulso ao encontro, ao entre, àquilo que só se pode perceber, mas não tocar. Criar uma tessitura entre atores e espectadores, para elaborar uma trama construindo pontes entre nós, como somos habitualmente em condições normais, trazendo conosco nosso mundinho de todo o dia, e um mundo invisível que só pode se revelar quando a insuficiência da percepção ordinária é substituída por outro tipo de consciência cuja a qualidade é infinitamente mais aguda. (BROOK, 2002)

³ Escola Municipal José Pedro Steigleder. Rua Campos Neto, 665 - Timbaúva, Montenegro-RS.



26º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO
O ENSINO DA ARTE EM TEMPOS DE CRISE
5º ENCONTRO REGIONAL SUL DA REDE ARTE NA ESCOLA

Referências

- BROOK, Peter. *A porta aberta*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- RYNGAERT, Jean-Pierre. *Jogar, representar*. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.
- SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1987.